

À Biblioteca Pública de Braga

TAMBÉM A Livre

28
ABRIL
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOZA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOZA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

A Ressurreição DE CRISTO

A Páscoa quer dizer, em hebraico, «Passagem», e era, para os judeus, a festa anual que celebrava a «Passagem do Mar Vermelho» que libertou o povo de Deus da escravidão do Faraó e o levou à passagem da Terra de Canaan, a Terra Prometida. Esta marcha libertadora através das águas do Mar Vermelho e das areias secas do deserto,

vres capazes dos mais sublimes voos espirituais que nos podem conduzir ao próprio Deus.

Esta «passagem» ou «Páscoa» não é fácil de realizar-se. Implica luta e vitória, como todas as coisas grandes que são dadas ao homem realizar.

Sinal desta dificuldade e do valor transcendente desta passagem libertadora, o nosso Libertador, nos ter indicado, como caminho da morte e morte de cruz.

Este mistério da Morte de Cristo é um dos mistérios da religião católica mais desconcertantes, mas é fundamental. Para podermos penetrar um pouco nele temos que fazer um acto de fé noutros dogmas igualmente fundamentais.

Em primeiro lugar temos de admitir que na Páscoa de Cristo se encontram as duas naturezas, humana e divina: Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Como Deus, todos os seus actos têm valor infinito. Como homem, o primeiro dos homens, pode tornar-se solidário de todos os homens e assumir em seu nome as maiores responsabilidades e ter as mais expressivas iniciativas.

E assim foi. Cristo, como

(Continua na 4.ª página)



A Ressurreição de Jesus

com Moisés à frente, é figura da nossa própria vida espiritual e cristã.

Também nós temos de «passar» da condição de pecadores que nos avilta e escraviza à materialidade e mesquinhez dos instintos baixos para a condição de homens li-

Movimento Nacional Feminino

No dia 21 do corrente, no salão da Câmara Municipal, foram distribuídos, pelas Senhoras da Comissão Concelhia deste Movimento alguns generos alimentícios a famílias de soldados em serviço no Ultramar.

Campanha das Garrafas

	Vinho do Porto	Aguardente	
Transporte			161
Rendufe	3	22	25
Carrizado	4	9	13
			199

Salão de arte fotográfica Na Régua

Vai realizar-se, na Régua, nas próximas férias grandes o 1.º salão Nacional (Escola Técnica da Régua), ao qual podem concorrer todos os amadores matropolitanos e ultramarinos com um máximo de 8 trabalhos nos formatos 24x30 e 30x40 cms.

O Preço da taxa de inscrição é de 20\$00

O AUTOMÓVEL DO FUTURO

não terá engrenagens

A utilização da energia nuclear para a impulsão de navios e, sobretudo, os enormes processos no domínio da construção de motores para aviões induziram os construtores de motores de automóveis a desenvolverem tipos mais leves, de maior potência e mais económicos.

O engenheiro de Munique Dr. Eng. Eugen W. Huber, do Instituto de Construções de Motores da Universidade Técnica de Munique, investigou recentemente num estudo o problema a quem pertencerá o futuro na construção de Motores de automóveis. Nos motores de combustão tradicionais, como nos motores Diesel e Otto, deve ser difícil elevar a potência devido à grande perda de energia. Graças à condensação hoje já muito elevada, estes motores são relativamente económicos, exigindo aliás certas dimensões devido à necessidade de oxigénio.

Para elevar a potência de motores para automóveis, pensou-se na utilização de turbinas, nas quais o combustível é queimado em continuidade com uma grande corrente contínua de ar. O grau de condensação que se obtém nestas turbinas é relativamente baixo e, correspondentemente o consumo de combustível é muito elevado. Por estas razões, as turbinas não são económicas para a impulsão de automóveis. Acresce ainda o consumo de gasolina exigir tanques enormes. A turbina pode substituir o motor de embolos na aviação e na navegação, onde se exigem potência extremamente elevadas.

A solução deve estar numa

SALAZAR

34 anos no Governo Português

Em 27 de Abril de 1928, um professor de Coimbra, pouco mais do que jovem para a cátedra que relevantemente ocupava, entrou no elenco da Governação pública.

Era-lhe confiada a pasta

das Finanças, aquela que, sobre todas, reflectia um transe difícilíssimo da vida e da história da Nação.

Não deve ter faltado encolher-de-ombros de muita gente, ao saber da nomeação do sr. Prof. Oliveira Salazar para a melindrosa tarefa da restauração financeira do País. Seria, enfim, mais uma tentativa, previamente condenada, na opinião dos cépticos — legiões deles... — ao malogro mais ou menos próximo.

Aquele que cultivava um fervido carinho e orgulho pela Escola onde racia e que se-lhe destinara a fecundá-la com a sua inteligência e a moldá-la mesmo com o seu carácter de gema, estava talhado para mandar. Diga-se ainda que nenhuma cabeça tão alta, da sua geração, mais poderia sentir a vaidade natural do mando, mas ele havia de perfilhar a humildade.

Porém, logo no discurso com que assinalou a sua posse, o professor Salazar teve artes de misturar no cepticismo uma boa máquina de expectativa, ao proferir esta afirmação, que se tornaria célebre e profética:

— «Sei muito bem o que quero e para onde vou, mas

Continua na 4.ª página

(Continua na 4.ª página)

GUERRA JUNQUEIRO

Foi em Freixo-de-Espada-á-Cinta, que nascem Guerra Junqueiro, o poeta revolucionário que desvairou uma geração com os sofismos duma lirica de encantadora musicalidade, e contribuiu para o desabar dum trono com alexandrinos ruidosos e inflamados.

Ficando sem mãe aos três anos de idade, e vivendo um ambiente desorientado e alheio a trajectórias espirituais definidas, Junqueiro deixou-se ir cêdo após devaneios de imaginação, e reduzir por teorias ponteistas e ateias.

Concluídas, no Poeta, os estudos secundários, requereu, em 1866, admissão em Coimbra na Faculdade de Teologia,

com o fim de ascender a ordens sacras.

Publicara dois anos antes, a sua estreia literária com Duas Páginas dos 14 anos. No ano de 1868, matriculou-se em Direito, e saiu bacharel em 1873, tendo colaborado na Folha de João Penha durante o tempo de Coimbra e algo depois.

Fazendo carreira pelas funções administrativas, desempenhou o munus de secretário Geral dos distritos de Angra-do-Heroísmo e de Viana do Castelo.

Em 1878, saiu deputado progressista. Foi nas legislaturas seguintes eleito parlamentar por vários círculos, e era

Continua na 4.ª página

TRIBUNA FEMININA

DOMINGO DE PASCOA — Culinária —

(CONTO)

Era a sua primeira Páscoa solitária. Casado há cinco anos estava separada do marido havia quase onze meses. Tudo começara no dia 5 de Maio do ano transacto. Como?

Mabel era engraçada e simpática. Alta, esbelta, de cabelos ruivos e olhos enverdeados, possuía no entanto, um terrível complexo de inferioridade devido às sardas que lhe pintalgavam o rosto! Considerava-se feia, e muito admirada ficara quando Gilberto lhe pedira namoro... Pois quê?! Era possível haver alguém no mundo que achasse alguma graça, alguma beleza, alguma poesia naquelas inestéticos pontinhos castanhos?!...

De facto havia, e a prova é que Gilberto casou com ela.

Foram viver para uma casinha de quatro divisões, onde apenas cabia o seu amor e... pouco mais. Mabel adorou aquela casa. Enquanto o marido dispunha os móveis, ela procurou os mais bonitos bordados, as mais belas lençóis e os mais dedicados «bibelots» para a enfeitar. Aquele era o seu ninho e não o trocaria pelo mais rico palácio do mundo.

Mereceu-lhe especial atenção o «quarto azul». Este, era o mais pequeno da casa e estava forrado com papel azul celeste em que pequeninas manchas brancas semelhavam flocos de neve. Aquelle seria o quarto de seu filho...

Mabel sonhava com um pequenino ser que enchesse os braços e a casa. Um garotinho parecido com o pai — ah, como ela não!... — que chorasse, risse e palrasse, completando a felicidade de seus pais. Sim, era apenas «aquilo» que faltava para completar a sua felicidade.

Foi só três anos após o casamento que Mabel soube a terrível verdade: jamais poderia ser mãe. Isto, para ela, foi tremendo. Os complexos adormecidos reviveram, agora aumentados. A ternura do marido, que a amava sinceramente, não chegou para levantar-lhe o moral. Mabel voltou ao seu humor variável. Nervosa e irascível agora triste e chorosa daí a pouco. E profundamente desconfiada.

Se Gilberto tardava em chegar do emprego, logo a imaginação de Mabel, a fazia, «ver» o marido nos braços de outra... Se ele parecia preocupado, era porque pensava na «outra»...

A vida do casal tornou-se, assim, um inferno. Mabel sofria terrivelmente. Não acreditava no amor, do marido por ela. Como seria possível que ele a amasse, sendo ela

feia e estéril?!

Passava grande parte do dia no «quarto azul» que tão amorosamente enfeitara. Uma pequena cama jazia a um canto, vazia, tristemente vazia. As roupas, cheias de bordados e folhinhos, continuavam imaculadas. Jamais um pequenino corpo as aqueceria.

Com o tempo, tudo foi piorando. Mabel parecia uma sombra do que fôra. E, um dia, o inevitável aconteceu. Fôra num lindo dia de Maio. Os pais de Mabel festejavam o aniversário de casamento e convidaram a filha e o genro a passarem o dia em sua casa.

Mabel transmitiu o convite ao marido.

— Gilberto, os meus pais querem que nós lá vamos amanhã passar o dia.

— Amanhã? Amanhã é sábado, tenho os pagamentos na fábrica e fiquei de me avistar com o Sousa para um assunto importante. Mas não faz mal; vou lá almoçar e regresso depois ao trabalho.

A esposa nada disse.

No dia seguinte, em casa dos pais e após o almoço, Mabel, pretextando ir a casa buscar um bolo que fizera e de que se esquecera, saiu, e encaminhou-se para a fábrica onde o marido trabalhava, detendo-se próximo da porta. Sabia a que horas ele tinha de se encontrar com o amigo e queria verificar se era realmente com este que o marido se ia encontrar. Era a primeira vez que fazia aquilo...

Um quarto de hora se passou, até que o portão da fábrica se abriu dando passagem ao carro de Gilberto, o qual levava a seu lado, não o Sousa, mas uma mulher desconhecida de Mabel. Era nova, bonita, e bem vestida.

Mabel encostou-se à parede, e o carro partiu sem que os ocupantes a vissem.

Trémula e de cabeça baixa, Mabel tomou o rumo de casa.

Ela bem adivinhara! Os seus receios, as suas desconfianças tinham fundamento! Aquilo tinha que acontecer! Como podia ela, Mabel, competir com as outras? Como poderia o mar um ido amar traste inútil como ela era?

Em casa, Mabel estendeu-se sobre o sofá e deixou que as lágrimas corressem livremente. Os pensamentos mais trágicos lhe passaram pela cabeça. Felizmente não chegaram a concretizar-se, pois lembrou-se dos pais a quem o desgosto mataria.

Mas não ficaria ali. Não sacrificaria o marido a viver eternamente com ela. Dar-lhe-ia liberdade. Iria para casa dos pais.

Febrilmente, dirigiu-se ao guarda-roupa e começou a encher as malas. Depois chamou um taxi e dirigiu-se a casa dos pais.

Estes, ficaram admirados quando a viram com as malas e inquietaram-se profundamente ao saberem de tudo. Ambos compreendiam o estado de espírito da filha. Quiseram acalmá-la, tentaram chamá-la à razão, mas nada conseguiram. Mabel não largava aquela ideia mórbida. A única coisa em que conseguiram convencê-la foi a ficar com a chave da casa (Gilberto deixara-lhe) e a não abandonar esta completamente.

— Se ele é culpado, será um bom castigo não poder entrar em casa.

Eles procuravam apenas ganhar tempo, afastando o irremediável.

Quando à noite, Gilberto regressou para levar a mulher, foi posto, pelos sogros, ao corrente do que se passara.

— Mas... a única mulher com quem estive esta tarde foi com a esposa do Sousa! Sai com ela da fábrica, aonde fora procurar; como eu ficara de me encontrar com ele no «Ryalto», levei-a comigo.

— Nesse caso tente convencer a sua mulher. Está fechada no seu quarto de solteira e não o quer ver.

Gilberto ficou preocupadíssimo. Daquela repariga tudo se poderia esperar. Mas... talvez não fosse má ideia.

— Ouçam-me: talvez seja melhor assim. Há meses que vivemos num permanente inferno. Ela não é feliz e eu também não. Vejam se conseguem curá-la dos seus excessos de imaginação. Digam-lhe que a amo e que a virei buscar quando ela quiser.

— Para onde irá agora? — interrogou a mãe de Mabel — Ela é que tem a chave...

Gilberto hesitou mas acabou por decidir:

Não importa; alugarei um quarto.

E foi assim que a separação começou.

Na salinha de jantar de sua casa, Mabel recorda, enquanto grossas lágrimas lhe deslizam pelas faces. O seu orgulho e, principalmente, a dúvida que ainda existia nela não a deixaram, durante onze longos meses, correr ao encontro do marido. Às vezes num impulso vestia o casaco na intenção de ir à fábrica; logo porém, aquela «voz» maldita a vinha torturar — e o casaco tornava a ser despido. Che-

(Continua na 4.ª página)

Folar de Páscoa

Dois decilitro e meio de leite; meio quilo de farinha; 30 grs. de fermento de padeiro; 400 grs. de carne de porco assada; dois ou três ovos grandes; uma colher (de sopa) de azeite; idem, de manteiga; sal e fiambre, q. b.

Desfaça o fermento no leite morno. À parte, aqueça o azeite e derreta nele a manteiga. Junte tudo num alguidar, acrescentando os ovos, bem batidos; a pouco e pouco, deite-lhe a farinha, e amasse como se fosse pão. Tape o alguidar com um pano, abafe com um cobertor e deixe levedar até a massa crescer o dobro.

Estenda-a com rolos sobre a pedra de forma a obter uma tira com 70 cm. de comprimento por 25 de largo. Sobre metade desta massa espalha-se a carne de porco cortada às tiras e umas fatias de fiambre; dobra-se a outra metade da massa para cima da primeira, colando as bordas com um pouco de água coloca-se dentro do tabuleiro e, passados 20 minutos, leva-se a cozer em forno bem quente.

Salsichas Pascoais

Leve ao lume numa frigideira, com uma colher de manteiga, 250 grs. de salsichas, previamente picadas com um alfinete. Dê-lhes apenas uma volta. Unte uma travessa e coloque nela as salsichas. Corte aos quadrinhos 3 batatas e 4 cenouras, deite em água fervente, juntamente com 500 grs. de ervilhas, deixando ferver sem desfazer. Escorrem-se bem e temperam-se com manteiga, sumo de limão e pimenta. Lança-se tudo sobre as salsichas, cobrindo com puré de batata, no qual se fazem riscos com um garfo, e leva-se ao forno a tostar levemente. Pode servir-se com molho ou manteiga derretida.

Sopa primavera com aletria

Picam-se 100 gramas de folhas de acelgas ou nabiças, que se põem a cozer ligeiramente; à parte, em pouco mais de 1/2 litro de água faz-se um caldo engrossado com uma colher (sopa) de farinha previamente dissolvida numa mistura de água e leite, em partes iguais. Quando ferver junta-se a hortaliça bem escorrida da água da cozedura, 60 gramas de aletria, um pouco de manteiga fresca e sal e pimenta que baste.

Deixa-se cozer durante 15 minutos e serve-se com bacadinhos de pão frio. Esta quantidade chega para 3 pessoas.

Folar Provinciano

Amassa-se, trabalhando bem

até estar ligada, 500 grs. de massa crua de pão com 90 grs. de manteiga e outro tanto de banha.

Divide-se a massa em duas partes iguais; põe-se uma no tabuleiro bem untado com banha, espalha-se bem e cobre-se com 250 grs. de presunto frito em tiras finas; tapa-se com a outra parte da massa e alisa-se com uma faca polvilhada com farinha.

Páscoas

Com 300 grs. de farinha de trigo, 100 de açúcar refinado, 200 de manteiga e um ovo faz-se uma massa fina, de que se fazem bolinhas do tamanho de avelãs, as quais se cozem em tabuleiros polvilhados com farinha, e forno quente. Depois de cozidas, e enquanto estão quentes, passam-se por açúcar areado e polvilhamos com canela.

Bolo de Páscoa

160 grs. de açúcar refinado, 75 grs. de farinha de batata, idem, de farinha de trigo, 60 grs. de manteiga s / sal; 6 ovos; 3 claras; uma colher (chá) de fermento em pó; uma pitada de baunilha em pó. Batem-se as gemas com o açúcar até ficarem grossas; junta-se-lhe a manteiga derretida e as farinhas peneiradas com o fermento. No fim, adicionam-se as claras em castelo e leva-se logo ao forno, em forma, previamente preparada, com 20 cm. de diâmetro e de altura.

Enfeita-se com amêndoas.

Pudim Alelula

200 grs. de açúcar refinado, 20 grs. de farinha de trigo, 20 grs. de manteiga fresca; 6 ovos completos; 4 decilitros de leite; uma pitada de baunilha em pó; idem de raspa de casca de laranja; frutas cristalizadas divididas em duas partes.

Batem-se os ovos com o açúcar, quanto mais melhor; junta-se-lhes a farinha desfeita num pouquinho de leite e a manteiga amolecida, a baunilha e os aromas. Bate-se tudo e deita-se numa forma com 10 cm. de diâmetro e 8 de altura já preparada, e coze-se em banho-maria, no forno.

Estando pronto e desentão, cobre-se o pudim com as frutas.

Leia, Assinante

Publique na

«Tribuna Livre»

Visado pela censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

**** Meus caros amigos presentes e ausentes ****

No dia 11 de Abril tivemos o Sagrado Lausperene, que foi muito concorrido. Não nos convinha o dia, mas é este que nos foi marcado para a continuação ininterrupta de reparação e louvores ao Senhor...

Desde 15 a 19 do corrente realizou-se a festa do S. Coação de Jesus. Constatou de conferências, orações, cânticos, confissões, comunhões, e terminou com a missa vespertina da Última Ceia do Senhor acompanhada de cânticos, alocução e comunhão geral.

Festa Pascal

Começou depois da meia noite (hora de verão) do dia 22 do corrente com a missa da Ressurreição. Houve ainda missas às 6,30 e às 11 horas, solenizadas com cânticos. A visita pascal começou às 8 horas a benzer as casas do lugar da Igreja. Uma banda de música (de Oliveira, Barcelos) e cinquenta dúzias de fogo deram à bênção pascal de 1962 um brilho excepcional. O jantar da comitiva pascal foi servido na casa do Senhor José António Pires, que juntamente com seu irmão Venâncio Correia Pires, residente em Amadora desempenha o cargo de mordomo da Cruz. Estes ofereceram ao concluir a visita pascal, um abundante copo de água aos componentes da comitiva pascal e outros amigos entre os quais figuravam o Senhor Joaquim Soares Vieira com sua esposa e uma filha, residentes em Manaus, Brasil, mas actualmente de visita à família.

Depois de recolher a visita pascal ainda houve sessões de música e fogo de artifício. A festa terminou na 2.ª feira, com a procissão das Ladainhas e fogo, junto da Igreja. Estão de parabéns os senhores mordomos e também os habitantes de Lago.

Julgo dever salientar o comportamento da música e mais ainda do seu chefe. Deixaram ótima impressão pelo amor ao trabalho, disciplina e religiosidade. Alguém me informou de que o maestro da referida banda vigiou cuidadosamente para que nenhum dos componentes da sua charanga faltasse à missa... Bom sinal!

Procissão

No fim da visita a comitiva pascal seguiu, em procissão, para a igreja. Na frente, ia a cruz acompanhada pelos membros da comitiva pascal e, depois, muito povo. Esta

procissão é sempre caracterizada pelo entusiasmo, número de componentes, variedade de cânticos, e presentes até dos menos fervorosos... Os amigos de Baco abundam tanto mais quanto mais tarde acabar a visita a pascal. Esta fauna é motivo de enorme gaúdio para os amantes de cenas acrobáticas... Os leitores amigos não se escandalizem!

Tenho ouvido cavalheiros garantirem que nas suas terras a festa da Páscoa se realiza sem a nota da borrachiche. Pois aqui as comitivas pascais chegam ao fim da visita tão finas como no princípio. Mas alguns dos visitados, felizmente poucos, ao meio da tarde já apresentam ares de saturação... Nas terras do meu conhecimento esta nota é geral. Há excepções? Pois, sejam felizes! Mas fico a duvidar se os garantidores das excepções não estarão também na classe dos saturados!

E nada mais por hoje.
Saudações do vosso J. Moreira

RENDUFE

Para assistir às festas da Páscoa com sua Ex.ª família encontra-se nesta freguesia o Sr. Dr. João Arantes Rodrigues, Secretário do sr. Ministro das Finanças.

Festa poscolina

Debaixo da maior ordem e respeito a visita pascal efectuou-se com grande alegria por ser acompanhada por uma banda de música. A freguesia de Carvalheira e o concelho de Terras de Bouro a que pertence marcou a sua posição apresentando um conjunto que se esforça e mostrou que na rudeza dos meios nascem Heróis, Santos e bons músicos que merecem protecção para atingir a glória que procuram como aqueles que conseguiram glorificar-se. — C.

Aniversariou o Jornalista

Rogério Colonna

No dia 11, do passado mês de Abril, festejou mais um aniversário natalício o nosso bom amigo e distinto jornalista Sr. Rogério Colonna Vale.

Ao aniversariante, Tribuna Livre, apresenta os parabéns, com votos sinceros de muitas felicidades na companhia de todos quantos lhes são queridos.

Aniversário Natalício

Passou na passada terça-feira, dia 24, o seu vigéssimo quinto aniversário o nosso íntimo amigo e assinante deste semanário Sr. José Gonçalves, industrial de Alfaiataria na cidade de Lisboa, onde exerce a sua actividade.



Pela passagem deste aniversário, Tribuna Livre, cumprimenta o ilustre aniversariante e faz votos que esta data se prolongue por muitos anos cheios de felicidades.

Um amigo

A Páscoa em CARRAZEDO

Obdecendo às velhas tradições criadas pelo falecido e saudoso abade que durante 50 anos paroquiou esta freguesia, a festa da Ressurreição de Cristo Rei foi alegre e movimentada e ficou a marcar na história da freguesia como um padrão de glória graças ao actual pároco padre José Duarte que, obdecendo aos supremos interesses da Igreja não descarta a felicidade do seu povo que o estima e admira por procurar cumprir uma tradição e honra a Deus com a alegria dos seus amados filhos.

O Realce da Festa consistiu também na qualidade do Mordomo Sr. Eusébio Exposto que muito concorreu para o grande brilho obtido no fogo, nas ornamentações na oferta de um vaso de prata para a Igreja e na escolha da Banda Musical de Amares para atrair enorme multidão que aplaudiu freneticamente pela qualidade dos números escolhidos. Está de parabéns a terra aonde repousa o grande Sá de Miranda.

C.

CAIRES

Visita Pascal

Num ambiente de grande fé, e frenético entusiasmo cristão, realizou-se no passado Domingo de Páscoa a Visita pascal. Todos foram dignos de tal graça receberam o compasso na maior alegria espiritual e temporal.

O mordomo da Cruz, Senhor António Sebastião Vieira Esteves, do lugar das Pênas, fez todos os sacrifícios para que nada faltasse. Acompanhou a Cruz, a Banda afamada dos Bombeiros Voluntários da Póvoa de Lanhoso; e nos lugares da Igreja e Pênas, estavam montados os potentes alti-falantes da nossa Vila; os foguetes, eram contínuos em todos os lugares e muitas girandolas se oviram freneticamente. No final não faltaram os bonecos, o fogo preso e o queimado Judas. Os versos do testamento do Judas também não faltaram. Andaram duas Cruzes—Coisa nova, na freguesia, acompanhadas por dois jovens levitas do Seminário de Soutelo. Torre, Vila Verde, que agradaram plenamente; o Pároco só foi ao mordomo e a

De Caldela

O tempo e a agricultura

Caldelas 24 — O tempo tem decorrido com muito frio, prejudicando grandemente a nascerça do vinho verde que se encontra ainda muito atrasado e sobretudo, se assim continuar teremos mais uma fraca colheita a juntar à do ano findo.

Os laranjais que ultimamente têm sofrido grande queda de frutos, não têm tido aquela procura do costume o traz preocupados os produtores que têm nestas frutas a sua principal fonte de receita.

Todos os produtos agrícolas mantêm os seus habituais preços, nos mercados, com excepção do feijão que tem estado sem procura e com fraca cotação.

C.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos no mês Maio

Dia 1 — A Senhora D. Elsa Mendes Tomé.

Dia 5 — A menina Teresa Augusto Dias Pereira.

C.

meia duzia de Casas, devido à sua enfermidade. Houve discursos e poesias preferidas por algumas crianças nos principais lugares.

No lugar de Veiga de Pena, foi solenemente benzida a Casa nova do Senhor Ernesto Vieira; que ficou uma maravilha: e que, á beira, da Estrada nova, alinda magnificamente a entrada para esta donairoza freguesia, sempre cada vez maior e galante em seus atributos.

A festa deste ano, marcou, marcou a valer. Ao recolher, a procissão desde o Paço Velho até á Igreja foi triunfante e apoteótica; chegou ao delírio; ao terminar, houve alocução e bênção do SS.º Sacramento, a uma enorme multidão como nunca presenciávamos. Parabéns.

Cruzeiro Paroquial

No passado Domingo também foi benzido e inaugurado o novo Cruzeiro Paroquial que tão bem situado ficou no lugar do Paço Velho, junto á nossa Escola Primária. Foi construído e oferecido pelo Senhor António Joaquim Dias, construtor civil, do lugar do Paço, que êle mesmo, sózinho, o conceccionou, o lavou e o poliu, e o ofereceu á freguesia gratuitamente. Foi grande a sua oferta e o seu alto significado, foi enorme o seu sacrificio visto estar aleijado de uma mão, mas o seu mérito é e será altíssimo e a Divina Providência velará por ele. Os nossos parabéns, as nossas felicitações e os nossos profundos agradecimentos em nome de Nosso Senhor e de toda a freguesia grata e penhoradíssima. Muito obrigado.

C.

HUMORISMO

Entre patrões

— Eu cá prefiro sempre que os meus empregados tenham mulher e sogra.

— Por quê?

— Por que nunca têm pressa de ir para casa.

Conversando

— Quantos são os inimigos do homem?

— São três.

— Quais?

— As solteiras, as viúvas e as casadas.

DOMINGO DE PÁScoa

Continuação da 2.ª página

gou a marcar o número do telefone; no último minuto, porém, o auscultador fora pousado...

E isto durante onze meses! Estava-se num sábado; o dia seguinte seria o Domingo de Páscoa. Não quisera passar aqueles dias fora do seu lar. Os pais, embora inquietos, não se havia oposto, mas fizeram-lhe prometer que iria dormir a casa deles.

Mabel, sentimentalmente, preparou o bolo tradicional, comprou as amêndoas e colocou na mesa da sala a toalha branca dos grandes dias... Era assim todos os anos. Aquele não faria excepção, senão na ausência do dono da casa.

Às dez horas da noite, após um telefonema dos pais, sempre inquietos, Mabel resolveu-se a regressar a casa deles.

Chovia e ventava. Uma noite muito pouco própria da quadra.

Mabel aconchegou a gola do impermeável e abriu o guarda-chuva, lutando contra o vento. Algo, neste momento, lhe chamou a atenção. Encostado ao muro fronteiro à casa, um vulto masculino, envolto num impermeável mas sem chapéu, mantinha-se imóvel. Mabel teve um arrepiado de medo e hesitou. A rua era pouco iluminada e o vulto encontrava-se na sombra. A rapariga decidiu-se a dar alguns passos mas, no momento em que um carro passava velozmente, olhou para traz, e um grito lhe escapou dos lábios: viu dois olhos ardentes, febris, presos nela: dois olhos que ela conhecia muito bem embora não com aquela expressão. Mabel não teve coragem para dar mais um passo: ou antes, deu-o, mas em direcção ao vulto.

Gilberto — porque era ele — encontrava-se completamente molhado: a água enxurra-lhe pelo colarinho da camisa, muito largo, e escorria-lhe pelo peito, ensopando completamente a roupa interior. A fronte escaldava. Os cabelos, em desalinho, caíam-lhe para os olhos. A barba, por fazer, dava-lhe um aspecto lamentável.

Mabel não pôde conter as lágrimas. Sem uma palavra, tomou-lhe o braço e arrastou-o para casa que era deles. Abriu novamente a porta e empurrou-o para dentro da sala, enquanto acendia a luz. Gilberto olhou em volta, batendo os dentes, cheio de febre... Parecia não reconhecer onde estava. Mabel, profundamente emocionada, levou-o para o quarto, onde o deitou e o meteu na cama. Gilberto deixou-a proceder, sem um gesto.

A jovem correu para o telefone, que ligou por duas vezes: primeiro para um médico, depois para os pais a quem contou, rapidamente, o sucedido.

Toda a noite Gilberto delirou.

Mabel, ajoelhada junto à cama, não tirava os olhos dele. No seu rosto, junto com o medo de perder o marido, notava-se uma intensa alegria. Porque, no seu delírio, Gilberto punha a nú os seus sentimentos, chamando constantemente por ela.

Na manhã do dia seguinte Gilberto, mais calmo, adormeceu profundamente.

— Livre de perigo, disse o médico.

Era Domingo de Páscoa. Ouviam-se os sinos de todas as igrejas. Já não chovia: o sol, radioso, afastava as nuvens, todas as nuvens...

Na casa de Mabel e Gilberto, via-se uma toalha branca cobrindo a mesa da sala, tendo ao centro uma jarra de flores ladeada por pratinhos com amêndoas... Tudo como nos outros anos. E nem a presença do dono da casa faltava; no quarto, sentados na cama, dois seres abraçados ouviam tocar os sinos...

GUERRA JUNQUEIRO

(Continuação da 1.ª página)

resperante dum círculo ultramarino, quando, desgostoso, das tricas partidárias, deixou a política e se fez agricultor apaixonado e negociante de antiquilhas.

Por ocasião das agitações políticas e sociais que se seguiram ao ultimatum de 1890, aderiu ao partido republicano, de que foi, daí em diante, o principal propagandista.

A arte junqueira, que até esse tempo para anti-católica, começou também a ser anti-monarquica.

Depois do advento da República, em reconhecimento dos serviços prestados à causa, foi nomeado ministro de Portugal em Berna. A observação directa da paisagem e vida suíça, publicado em francês no Jornal de Genève e traduzido depois para a nossa língua por João Grave. Nos últimos anos de vida, publicou escritos que são a antítese ideológica de muitas obras anteriores, e, antes de morrer, pediu-lhe que fizessem enterro religioso segundo o sítio católico.

Nem todos, porém, consideram retratação nem conversão ao catolicismo várias frases conhecidas em que o poeta, nos últimos tempos, alude à própria atitude religiosa. Com efeito, um ano antes de morrer, diz ao Sr. João de Barros numa entrevista para A Vitória: «Não sou católico no sentido vulgar do termo. Não pratico. Sou, porém, cristão e sempre o fui».

Até ao escrever A Velhice do Padre Eterno? aparecida em 1885, menos ainda que a Morte de D. João, não tem enrrêdo. É uma colecção de 28 poesias que se propõe combater o fanatismo e hipocrisia religiosa, mas não passam de protérvias, irreverentes cho-

Ordem, limpeza e auxílio ao próximo

(Continuação da 6.ª página)

tou uma série de dispositivos a cores que transmitiram uma visão animada das actividades da expedição assim como da grande beleza paisagística de Angola. Nas fotos mostraram-se a fauna extremamente rica, a população nas aldeias e nas fazendas, a plantação de cana de açúcar, de palmeiras, de sisal, de algodão, de café e de laranjeiras. A D.ª Obussier ofereceu assim uma visão de conjunto de Angola, contribuindo para uma revisão de de opiniões preconcebidas e inexactas.

O automóvel do futuro

(Continuação da 1.ª página)

na aldeia de Kraheck, perto de Bonn, apresentou um novo motor sensacional, também de êmbolo rotativo, o chamado motor de hélice dupla. Este motor ainda é menor e mais leve do que o motor Wankel. Mede apenas 25 x 25 cm e é constituído de apenas 22 peças (inclusive os parafusos). O modelo de 500 cm³ do motor Kuertz desenvolve 55 Cav. O sistema é muito simples. As hélices que desempenham as funções de êmbolos, giram sobre dois eixos diferentes com velocidades diferentes. A rotação é transmitida directamente a um veio principal, eliminando-se o «ponto morto». O motor Kuertz já desenvolve a potência de uma rotação extremamente baixa de apenas 60 rotações por minuto. Muitos especialistas dão a preferência ao motor Kuertz afirmando que é o motor do futuro. O automóvel do futuro terá o motor minúsculo, não terá engrenagens, será mais leve, mais económico e mais rápido.

carrices de mau gosto, chasqueações agarrotadas ao que há de mais sério e sagrado: a Fé e ao sentimento religioso. Nem ao menos o ataque se faz com elevação. Até mesmo um ateu que leia aquela guisalhada ruidosa de alexandrinos vãos de pensamento, não pode deixar de se sentir enojado com tal baixez de processos, falta de lógica e respeito pelo leitor. O próprio poeta condenou um dia o livro nefando. «Eu tenho sido, devo declará-lo, muito injusto com a Igreja. A Velhice do Padre Eterno é um livro da mocidade»...

Versificador magistral, de ritmo sonoro e perfeito, tanto adulava as multidões com frases lapidares como por meio de plebiscismos, sarcásticos blasfemos e orgulhosos. A Morte de D. João não é um poema com unidade mas constitui uma inovação na Literatura portuguesa e a consagração poética de Abilio Manoel de Gerra Junqueiro (1850-1923), mundialmente admirado e a quem a Pátria muito deve.

Elísio Gonçalves

A Ressurreição

Continuação da 1.ª página

Homem, quis assumir a responsabilidade de todas as infidelidades, todas as revoltas, todos os desleixos de todos os homens em relação a Deus a responder e ser condenado no Tribunal da Justiça divina.

Essa Justiça, necessariamente exacta e implacável, exigiu reparação total das ofensas e injúrias, o que levou à condenação máxima do divino Réu. Cristo em nossa vez e em nosso nome (e está aqui a suprema prova da sua amizade por nós), quis libertar-nos da condição de escravos do pecado, sofrendo o castigo libertador da culpa, e propagando à Justiça divina tudo quanto pelo pecado a humanidade inteira devia.

Assim, mais do que o réu do tribunal judaico de Jerusalém que o condenado à morte de cruz, Jesus Cristo foi Réu do tribunal de Deus, não por crimes possíveis, que não podia ter, mas pelos crimes de todos os homens com quem Ele se solidarizou por Amor. E a sua morte na Cruz, mais que uma tragédia humana, foi um acontecimento altamente transcendente, com o sentido duma libertação semelhante à libertação de quem salda pesada dívida.

A morte de Cristo no Calvário só se compreende à luz da fé.

Mas o mistério não é só de Morte redentora. É também um mistério de Ressurreição, de restituição de vida. Assim, à Morte e Sepultura que comemoramos anualmente na Sexta-feira e Sábado Santos, segue-se a Ressurreição do Domingo de Páscoa.

Muitas vezes Cristo falava na «sua hora». Esta hora concretizou mais tarde, dias antes de morrer, era a hora da «Páscoa» ou «passagem» para o Pai. Esta passagem para o Pai, à semelhança da morte redentora, quis Ele realizá-la também em nosso nome, solidariamente com todos nós. Operou-a pela

sua Ressurreição, triunfando da Morte, e pela sua Ascensão ao Céu, a preparar-nos a nossa morada.

Numa palavra: Páscoa. Cristo foi um Mistério de Morte ao Pecado e uma Ressurreição para a Vida divina. E este mistério de Morte e Vida realizou-o Ele em nosso nome e em nosso proveito.

Para dele aproveitarmos temos de nos integrar nos sentimentos e nas disposições de Cristo ao morrer na Cruz e ao ressuscitar. Temos de renunciar sinceramente ao pecado, às suas ocasiões, temos de procurar viver cristãmente praticando as virtudes e actos de relegião que orientamos os nossos passos para Deus, nosso fim e razão de ser.

Isso exige uma morte (uma mortificação) relativamente aos vícios e más inclinações e uma vida (uma vivência) das leis e desejos de Deus. Isso exige uma transformação gradual da nossa existência: uma passagem, uma «páscoa» constantemente renovada, que nos liberte do mal e nos enraíze no bem.

É intenção da Igreja, nas comemorações pascaes, dar-nos cada vez mais consciência desta nossa vocação para o bem e da necessidade de realizarmos a nossa progressiva libertação do mal. Cristo à frente, abriu-nos o caminho. Temos de segui-lo, quisermos fazer com Ele esta passagem difícil. E segui-lo é ouvir a sua palavra, seguir os seus ensinamentos, é cumprir a sua lei, é correponder à sua amizade, e utilizar os meios espirituais que Ele pôs à nossa disposição, especialmente a oração e sacramentos.

Para o cristão autêntico, Páscoa de Cristo não pode ser vaga comemoração festiva de acontecimento passado. A páscoa é qualquer coisa presente e actualmente com fortes repercussões na vida toda.

34 anos de Governo Português

Continuação da 1.ª página

não se me exija que chegue ao fim em poucos meses.

— Teremos homem? — haveriam de perguntar-se muitos — ou apenas um visionário?

Não estamos a esmiuçar-lhe a Obra que a história já registou. Evocamos tão somente a efemérides que ainda hoje causa orgulho a quem é português. Falta-nos, talvez, um Sardinha lutador que polarizasse o seu autêntico nacionalismo e desse à juventude (alguma descerebrada até ao píssimismo e à ingratidão) o sentido exacto, pelo verbo, da nossa missão no

Mundo; mas sobra-nos muito do coeficiente do que poderia realizar-se sem a mensagem histórica de Salazar.

Por isso, digamos neste dia de júbilo: — O seu nome inscrito em todas as almas, como a legenda para que chegam as pedras todas do Monumento, fundiu-se, inteiramente, na verdadeira alma portuguesa. Ele há muito que serve para aferir do nosso valor como Povo livre e independente e cioso da História em que se dilata.

Agradecemos ainda a Deus por no-lo conservar.

Visado pela Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

pelo mesmo Senhor aqui fiz tirar e fresladar bem e na verdade sem cousa que duvida faça somente a entrelinha a palavra a folhas tres que diz feita... e o tornei a meter no ditó Archivo o qual fecharão com as ditas chaves como he costume e por verdade em fee de que nos assinamos de nossos sinaes Rasos e Costumados — Braga e Mayo sette de mil setecentos e onze annos sobredito O Padre Bento Ferr.a Ribeiro Notario app.co e do Santo officio Escrivam da Cam.a.

Ecc.ca o fiz escrever, conferi, e consertei e subscrevi = a) O P.e Bento Frr.a Rib.ro.

Segue a conta:

Deste com busca 320; De quem ho escreveo e o mosso da Sächristia tem os caminhos 640; Dos Rev.dos Senhores Cartorarios 600 — Soma 1.560 réis.

Uma anotação «Sobre a agoa da gorida»: Ouve hua sentença contra Garcia Gomez do Orjal e G.o Pires de Out.o de vila no anno de 1581 e já havia havido outra no anno 1490 contra todo o Orjal estas duas são dos juizes do Coutto de Bouro; Outra no anno de 1662 contra os moradores do Orjal e esta da Rellação de Braga; Outra no anno de 1700 contra Fran.co Fernandes e Fran.co da Silva do Orjal.

Tem mais uns apotamentos acerca de receita de foros e outras rendas, coligidas pelo então abade Vieira da Silva, a 20 de Agosto de 1722.

Finalmente uma nota de Abade António Borges Pereira: As duas leiras huma no Barreiro outra na vinha velha que trocou hum Abbade Gonç.lo Annes com terra para a Igreja, nam pagam os dois frangos, foi no anno de mil e quinhentos e quarenta e oyo fez já essa declaracam no outro Tombo a folhas sette, eu aqui a delarei pa tirar duvidas. Sam Payo de Seramil Dezembro 2 de 1569.

Mas a história destas pequenas aldeias, indiferentes ao rumorejar do resto do mundo no seu isolamento pelos pendores da montanha, pode reportar-se muito mais atrás.

Quando por aqui passaram as alçadas de el-rei D. Afonso II (1220), mal começava a balbuciar-se a língua que falamos, tratavam elas de inquirir dos direitos do rei — Reguengos.

Pedro Guedes, Soeiro Gonçalves D. Silvestre, Miguel Pais, Pedro Gonçalves, Pedro Pais, Godio Soares, João Monis, Paio Fernandes (cada individuo identificava-se apenas pelo nome próprio e, pelo do pai ou patronímico) *jurados disseram que o Rei nenhum Reguengo ai possuia;*

— que de foros e dâdivas o Rei tinha aqui seis braçais, 1 côvado e um dinheiro de fossadeira, isto é, por isenção de quaisquer individuos concorrerem à abertura de valos ou fossos, em serviço de fortificação;

— que o Rei não era o padroeiro desta igreja;

— quanto a bens das Ordens que a própria igreja tinha aqui uma seara e Bouro 1 casal.

* * *

Quanto ao mais, era dos cavaleiros vilãos e herdadores, que tinham ganho ou adquirido suas terras por direito de defesa ou de reconquista.

* * *

Pouco temp decorrido (1258) D. Afonso III mandou que novas alçadas inquirissem dos desvios e dos abusos que se verificavam na transmissão e posse das terras, bem assim da legalidade muitos titulos por que alguns se consideravam seus detentores.

Item (= Igualmente) na colação de S. Paio de Cenamir, Pedro Peres prelado, Mendo Pais juiz, Pedro Gomes, Soeiro Guedes, Pedro Peres, João Lourenço, João Pais, Pedro Gomes, Paio Guedes, Lourenço Soares, Pedro Peres, Pedro Domingues, João Silvestre, Domingos Gomes, jurados disseram: que el-Rei não era padroeiro. Igualmente disseram que desta colação davam cada ano ao Rei de fossadeira, pelo S. Miguel, isto é: da erdade da Curujeira duas varas de bragal. Igualmente, da herdade de Cenamir e de Curujeira doze varas de bragal.

Igualmente, dos Davis um bragal. Do Barreiro um bragal. De Paços sete varas de bragal. De Casa uma vara de bragal. Da herdade de Barqueiros um bragal. Da herdade de Maor Egeu uma vara de bragal. Da herdade de Paio Mendes um dinheiro.

Igualmente, disseram que pagavam coima (multa

(Continua no próximo número)

XIII A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

Afonso de Albuquerque, logo que ouviu a exposição oral dos seus emissários em relação à disposição em que se encontrava o rei de Ormuz, ordenou que em todos os seus seis navios se preparasse tudo, com o mais rigoroso sigilo, para não despertar suspeitos no arraial do inimigo que o rodeava, afim de, na manhã seguinte, atacar em forma, com todo o seu poderio, aquela numerosa esquadra que se julgava invencível.

Durante toda a noite se trabalhou com verdadeiro afã, em todos os barcos portugueses, no cumprimento da decisiva determinação do Comandante em chefe.

A notícia do que havia acontecido a Mascate encheu de terroz a população da cidade de Ormuz que até ali tinha levado uma vida descuidada e alegre.

Só a esquadra naquele porto tinha a convicção do seu poderio invencível.

No entanto, e a despeito das notícias aterradoras, cerca de 15.000 a 20.000 músicos estendiam-se pela praia a executar, nos seus instrumentos, alguns números do seu variado repertório.

A bordo — onde havia mais músicos do que guerreiros — parte das tripulações, por sua vez, também passavam o tempo de ociosidade a tocar — e as duas orquestras, por estarem relativamente próximas, fundiam-se numa só.

Aos primeiros alvôres da madrugada, Afonso de Albuquerque dá as rigorosas ordens para o ataque em massa.

O inimigo, que àquela hora matutina dormia a sono solto — excepto os respectivos vigias, foi estrepitosamente acordado pelo nutrido e certo fogo da artilharia Portuguesa.

O inimigo, estremunhado, corre a ocupar os seus postos, mas os seus navios são atingidos com violência.

A bordo da esquadra inimiga há tremenda confusão e pânico.

O espaço de que dispõe cada navio é pouco e dificulta as respectivas manobras.

Os navios portugueses continuavam a lançar, em seu redor, salvos sobre salvos de artilharia contra a esquadra inimiga.

Parte das tripulações das esquadras adversas conseguiram fugir em pequenas embarcações ou lançaram-se directamente ao mar na ânsia de escapar àquele antro de fogo e da morte.

A luta continuava acesa de parte a parte; há navios inimigos incendiados que conseguem fugir daquele inferno de metralha para o alto mar, a todo

«pano». As tripulações esforçam-se para dominarem o fogo e salvarem as vidas.

O duelo de artilharia entre as duas esquadras em presença continuava duro e implacável.

Depois de muitas horas de terrível combate, as tripulações das esquadras inimigas, que ainda se encontravam nos seus postos de combate, ao verem que os portugueses, longe de afrouxarem, cada vez combatiam com mais ímpeto e vigor, principiaram a esmorecer e pouco tempo depois consideram a batalha perdida.

Ao fim da tarde, depois de porfiado esforço, a batalha decidiu-se a favor dos portugueses, consignando estes mais uma, vitória no seu activo.

As esquadras inimigas foram completamente desbaratadas por seis unidades portuguesas, sendo alguns navios apresados, outros metidos a pique no fundo do mar e muitos conseguiram fugir, com as suas velas infundadas, a uma destruição implacável.

Muitos sobreviventes mouros que fugiram para o mar em pequenas almadias, ou a nado, no intuito de alcançarem a segurança em terra foram ferozmente perseguidos por parte das tripulações dos nossos navios que os matavam à lança e ao cutelo para em seguida os despojarem dos custosos trajos e de tudo que fosse, de valor, como aneis e alfinetes de ouro, pedras preciosas etc... etc.

Por sua vez, grumetes e pagaus, munidos de croques, das amuradas dos navios, davam-se ao macabro e becrativo desporto de pescarem os mortos e de içá-los para o respectivo convés para os roubarem de tudo quanto traziam, desde o rico vestuário às jóias, deixando-os desnudados.

Foi uma verdadeira corrida aos vivos e aos mortos que tinha como única finalidade o roubo, cruel e desumano.

Quando os corpos não resistiam ao seu próprio peso caíam à água, desventrados, com os intestinos de fora, ainda levemente ligados ao corpo ou, então, essas vísceras ficavam presas aos croques, como se esses fossem simples anzóis.

A superfície das águas com esses despojos tinha um aspecto asqueroso e nauseabundo.

Depois de tudo ter serenado um pouco, as famílias dos mortos, em lancinante desespero, foram a bordo dos navios portugueses a ver se reconheciam os seus com o piedoso intuito de os levarem para terra e de lhes dar sepultura condigna.

Muitas famílias, verdadeiramente contristadas, procuram os seus entes queridos em vão, pois, naturalmente, tinham sido

1.ª Publicação
TRIBUNA LIVRE 4-4-1962



TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, Primeira Secção, correm ÉDITOS DE TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu MANUEL JOSÉ DE BARROS, casado, lavrador, residente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, com última residência conhecida na freguesia de Codeceda, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS, posteriores aos dos éditos, contestar a acção sumária que lhe move e a sua esposa a autora Arminda Auta da Costa Lobo Maia, viúva, doméstica, do lugar de Quintela, freguesia de Coucieiro, desta comarca, em que esta pede que os réus sejam condenados a reconhecer o seu domínio sobre os prédios Mato de Muradinha, no sítio de «Côto de Muradinha», inscrito na matriz sob o artigo 1.086 e Sorte de Fichela ou de Arnaços, no sítio de «Fichela», inscrito na matriz sob o artigo 775, ambos na freguesia de Valões, adquiridos por prescrição, bem como condenados nas custas.

Vila Verde, 4 de Abril de 1962

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

O Chefe da Secção,

a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares

tragados pelas águas, ou ainda boiassem, algures, à superfície, e, talvez, muitos dos quais desventrados.

No meio da sua pungente dor, ainda lhes restava uma tênue esperança, pois podia acontecer que estivessem vivos nos navios que se haviam posto em fuga — mas pelo decorrer do tempo essa subtil esperança, desvaneceu-se por completo, visto que os seus nunca mais apareceram.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

Continuo a insistir: há melhoramentos que se tornam inadiáveis. O mundo gira e nós temos de acompanhar o seu ritmo, sob pena de, não o fazendo, ficarmos, como paspalhões, a contemplar o boi Apis.

Ruivães tem de progredir, tem de trabalhar, tem de se impor.

É o caminho Municipal de Frades; é a criação de um sub-posto da Guarda Nacional Republicana; é um marco fontenário junto ao Pelourinho e outro no local da Veiga do Cabo; é a electrificação dos lugares da periferia desta freguesia; é a pavimentação de alguns caminhos do lugar da Vila, inclusivamente do que vai do Arco do Pousadouro ao Cemitério do Vale da Grade, numa palavra: é a transformação da fisionomia desta linda terra, que todos nós temos o dever de fazer progredir, arrancando-a a um marasmo quinhentista para lhe dar foros de civilizada.

Este povo é bom, atencioso e gentil, mas porisso mesmo merece muito mais do que lhe tem sido proporcionado.

O Senhor Secretário do Ministério da Agricultura é filho ilustre desta terra e está-se interessando por ela.

As suas ocupações múltiplas não lhe permitem lembrar-se de tudo, mas estou certo de que há-de interessar-se por Ruivães, desde que se lhe lembre o que é necessário.

Quanto valor não teria a

construção de um caminho Municipal entre a Vila, desta freguesia, passando pelo lugar de Frades, e a Ponte da Misarela, de traça românica, onde se vê o célebre pulpito onde a tradição informa que prégava o diabo á meia noite, desfrutando-se, ali, um panorama surpreendente, pelo alcantilado dos seus rochedos, sempre altos e empolgantes, que deixam a Suíça a perder de vista. Depois, e em frente, a serra do Gerês, de maciços formidáveis, com a Surreira do meio dia, que serve de relógio aos lavradores, para a torna das águas de rega.

Atravessando o Cávado, no sentido do Norte, existe, nas proximidades do lugar de Xertêlo, da freguesia de Cabril, uma espécie de janela rasgada num penêdo enorme, que a crendier popular julga ser a entrada para um palácio de mouras encantadas.

É pena que os pastores, através dos séculos, tenham obstruído, com pedra miúda, a galeria subterrânea de que aquela janela era a entrada.

Depois, e seguindo dali para as Portas do Cartanheiro, vê-se, num local, no caminho de Viduiças, um dolman construído com pedras tão gigantes, que só gigantes podiam mexer.

Valorizemos o que é nosso, tornando-o conhecido e facilitando o acesso aos locais dignos de serem vistos e apreciados.

Não se julgue que Ruivães, lá por ser uma terra sertaneja, não tem o seu interesse. Quem se der ao trabalho de subir a serra do Tôco, já em plena Cabreira, dali poderá espreiar a vista através de um panorama extensíssimo e surpreendente, se não se lhe arrepiarem os cabelos com a presença inesperada de algum lobo faminto.

E, já que falei em lobo, vou contar um caso verídico, sucedido há poucas semanas, próximo de hegar de Espinho: um honrado lavrador, armado de espingarda de dois canos, devidamente carregada, surpreendeu uma dessas feras a atacar um touro. O homem gritou á alimária, que lhe arreganhou a dentuça. Foi o bastante para desatar a fugir, gritando que lhe acudissem, e não se sentiu com coragem para alvejar a fera.

Ele sempre há cada valentão!...

Amadeu Cesar

José Gonçalves

ALFAIATE

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS

PARA

HOMEM SENHORA E CRIANÇA

PREÇOS ACESSÍVEIS

Rua c Lote c 2.º - D.lo — Telef. 932289

Estrada Militar A Damaia

AMADORA

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

Prosigue el Testamento

do ilustre Marquês, a crítica tem andado tão arredada da verdade.

Atingido até em suspeitas de menos dedicação à marquesa sua mulher, por Filipe III faltar às promessas de que se propusera favorecer este casamento, verifica-se aqui como uma recíproca compreensão os unia e a total e segura confiança foi o seu sistema de viver até ao fim. Mas istá oforo de vida íntima, muito embora nem aqui fujam ao escalpelo da curiosidade literária os que na vida mais se distinguem.

São, porém, pontos palpitantes deste testamento as constantes manifestações de saudosismo da terra e da pátria distante, sujeita ainda às interrogações e perigos que o longo período das guerras da Restauração desencadeara e os da sua geração suportaram sobre o infortúnio do cativo.

As injustiças e violências que sofrera com a extorção cada vez mais acentuada de seus bens, senhorios e rendas; por outro lado a promessa defraudada de propostos títulos e honrarias fizeram-lhe sentir a decadência e privações que o trouxeram até viver em pobreza, à medida que se avolumava o desengano de vir morrer à sua querida pátria.

Que ao menos lhe trouxessem os ossos, e de seus filhos e familiares, a receber sepultura na igreja de que tinha o padroado — S. Martinho de Carrazedo — é esse o desejo mais ardentemente expresso e logo satisfeito por seu único filho e herdeiro, o 2.º marquês D. António Félix.

O espírito de religiosidade, o seu temor de Deus mostram-se aí exarcebados quase até à superstição, mas explicam-se na pessoa do Marquês pelo abatimento moral a que chegou na sua desgraça. Caído

no descrédito de dois soberanos, quando a verdade dos seus actos tarde e mal haveria de afluir à superfície da história dos acontecimentos em que participara, o marquês de Montebelo sentiu-se dolorosamente isolado e perdido no ermo tempestuoso do seu exílio, com vida ameaçada por suspeitas de traição a qualquer das partes, que nenhuma podia ajuizar seguramente do alcance das suas acções.

Nesse estado de alma, sondando as causas de tanta contrariedade e infortúnio foi descobri-las na problemática demolição do mosteiro de monjas que teria existido em Carrazedo e cujas pedras teriam sido levadas por longínquo ascendente à construção da casa de Castro. Regressadas as freiras, após ter passado a peste, teriam fulminado com imprecações o destruidor da sua mansão?!!!!

Exagero de convicções, tanto mais que as infelicidades, que Marquês suportou em seu solar de Carrazedo, agravaram-se mais e mais no seu retiro da Corte de Madrid.

Mas daqui a soma de pesadas obrigações e encargos de obras pias que legara a seu filho D. António e de que este descarregara sem dúvida e condignamente a consciência, na parte senão impossível, pelo menos muito dificultosa da reconstrução do convento. Não que respeitava ao casamento e dotação das donzelas pobres, isso cumpriu-se, ao menos temporariamente, e há testemunhos no cartório de Castro. É que D. António, reposta a sua casa na primitiva a maior grandeza, pelo seu enlace com a estirpe dos Mendonças e larga influência que tiveram através do grupo de S.to André na corte juração de 1640, foi levado a desempenhar importantes cargos longos do seu solar e senhorios.

Em suma, a grandeza e luzimento da nobreza, principalmente; sua prosperidade como a sua decadência andavam intimamente ligadas às vicissitudes da política. Era a mais afectada pelo desencadear das guerras, pelo mesmo infortúnio dos governos e dos povos, quando a fatalidade lhes batia à porta; e o Reino jamais conhecera período mais calamitoso e crítico que o da época que precedeu e acompanhou a vida de Montebelo.

Já nas apreciações à «Vida de D. Aleixo de Menezes, Aio de

Ordem, Limpeza e Auxílio ao Próximo

Professora alemã relata sobre Angola

«Amo Angola de todo o coração», declarou a Professora Doutora Obussier que recentemente pronunciou uma interessantíssima conferência no Soroptimist-Club da cidade de Wuppertal, na Região do Ruhr. A Doutora Obussier faz parte do corpo lectivo do Instituto de Zoologia da Universidade de Hamburgo. Já realizou várias expedições científicas à África, e muito especialmente à Angola.

A imprensa mundial publicou nos últimos meses relatórios e informações tão divergentes sobre esta província ultramarina de Portugal que se nos afigura altamente valioso e elucidativo ouvir a opinião de uma observadora absolutamente objectiva e livre de preconceitos. A conferência foi, por isso, escutada pelo numeroso auditório com o maior interesse. A Doutora Obussier deu, a título de introdução, uma visão de conjunto da actual situação nos países africa-

nos que até há pouco eram territórios coloniais. Apontou os problemas que resultaram desta evolução acelerada que às vezes tem de ser designada de precipitada. Falou da desorganização no antigo Congo Belga depois da declaração de independência, que deu aso a lutas sangrentas entre as tribus indígenas.

Em flagrante contraste com esta evolução, declarou a Doutora Obussier, os membros da expedição de 1961 a Angola só colheram impressões positivas. Convenceram-se, por exemplo, que a última revolta teve, sem dúvida alguma, as suas raízes fora das fronteiras e foi alimentada por brancos. A catedrática de zoologia de Hamburgo traçou um quadro extremamente favorável da população indígena de Angola. Limpa e trabalhador e, desde que se respeitem os seus usos e costumes, sempre pronta a prestar auxílio e mostrando-se sempre muito amável. Causou muito especial impressão à investigadora alemã a ordem que reina nas aldeias e o regime patriarcal, baseado na justiça que liga toda a comunidade de aldeia sob a direcção do seu respectivo chefe.

A expedição alemã teve por objectivo a investigação científica das várias espécies de antílopes em Angola. Os componentes da expedição dedicaram-se, por isso, sobretudo à preparação e conservação. A D.ra Obussier projecta

(Continua na 4.ª página)

(CONTINUA)